

A decadência do fuzil de guerra no combate moderno

Pelo Cel. DILERMANDO DE ASSIS

Do E. M. E.

Durante muito tempo se relutou em aumentar a dotação das armas automáticas (metralhadoras e fuzil metralhador) levando em conta seu grande consumo de munição.

Sua voracidade trazia sérias apreensões àqueles que se dedicavam ao magno assunto do remuniciamento em campanha.

Para os países em que, como o nosso, os meios de produção e os de transporte são escassos, o problema crescia de magnitude.

A-final, na grande guerra 1914/18, conquistaram elas sua avassaladora predominância. O fuzil metralhador, impondo nova organização e novo método de emprêgo do fogo, e do movimento, passou a ser a célula mater na campanha. Servido por uma pequena guarnição, rarefeita no terreno, vivendo a sensação do isolamento, torna-se êle o objeto principal no campo de batalha, substituindo grandes massas humanas e, portanto, vasto número de fuzis, os antigos pelotões e as secções.

Batendo zonas, com grande razância e considerável número de tiros por minuto, relegou a plano secundário o fuzil ordinário.

Desapareceu o chamado "**tiro coletivo**" e o fuzil, reduzido em seu papel, passou a ser arma de méra **defesa individual**. Ficou-lhe proscrito, em consequência, atirar a mais de 400 ms.. Quando muito, sôbre grupos, ou zonas, aquém de 600 ms..

"O fuzil (ou mosquetão) é, por excelência, a arma individual do infante, com o qual os volteadores e os remunicia-

dores do f.m. tomam parte no combate do grupo, com tiros executados, em princípio, a menos de 400 metros do adversário" (Cap. III, art. único, item 18, do R. E. C. I., 2.^a Parte, pág. 19).

Todês sabem que, a 400 ms. de distância, é muito difícil acertar em um alvo busto. Raros atiradores de escól logram, a essa distância, nas condições favoráveis e na calma da linha de tiro, 5% de impátos numa cabeça. A 300 e 200 metros é que essa percentagem se torna apreciável, 70 e 90%, respectivamente.

Numa prova de "tiro rápido" realizada há anos no tradicional "Tiro 7", denominada "Campeonato Rio de Janeiro", um concorrente houve que fez, a 200 ms. de distância, em alvo circular concêntrico de doze zonas, 10 disparos em 39 segundos! Na posição "deitado" e com o fuzil regulamentar alcançou 113 pontos, com um grupamento admirável, assim distribuído: um 9, quatro 11 e cinco 12! Só uma bala deixou de atingir o visor!

Mas êste caso é excepcional... Não se reproduz. Uma arma colocada no banco de prova, numa casa balística, com luneta de pontaria e tôdas as condições, as mais favoráveis ao tiro, não logra êsse grupamento. A dispersão normal do fuzil é maior.

No caso da prova supra invocada, os defeitos do atirador no momento dos disparos coincidentemente neutralizaram, ou corrigiram os desvios normais da arma.

Admita-se, então, quando muito, que certos elementos de elite, caçadores, armados de fuzis especiais, como o Springfield ou o Garand (automático) dotados de luneta de pontaria, sejam especializados no **tiro de matar**, "ajustado e preciso, inopinado e instantâneo", a que se refere o Reg. n.º 5, 2.^a parte. O Garand, sobretudo, mais curto do que o nosso mosquetão mod. 908 e capaz de dar 50 tiros precisos dentro de um minuto, é arma naturalmente indicada para êsse mistér.

Por outro lado, com a aplicação das a. a. preferencialmente em flanqueamento nas posições defensivas e o largo

emprêgo de carros e das granadas de mão, a baioneta perdeu, em grande parte, seu valor como arma de choque. São cada vez mais raras as cargas, porque a elas se opõe a essência da máxima moderna — “não se luta com homens contra material”.

De difícil manejo, requerendo grande porte do homem, muita ginástica e robustez física, além do mais, dado o espaço limitado das trincheiras ou das sapas, seu emprêgo cada vez mais se reduz. E' raro encontrar-se um bom esgrimista de baioneta.

Tanto na guerra européa como na do Chaco, os combatentes deram preferência, no corpo a corpo, ao uso do punhal ou do facão de mato (machete). Este facão, no caso, substituirá o sabre baioneta, dispensando-o. Terá uma dupla aplicação.

Sôbre a primeira versão invoco o testemunho das referências a propósito feitas na E. E. M. pelo ardoroso infante Cel. Barrand, saudoso professor de tática de Infantaria da primeira Missão Militar Francesa, no Brasil.

Nestas condições, as armas portáteis de alma longa, com alça graduada a 1.200 ou 2.000 ms., não têm mais razão de ser.

Por que usar uma arma de tamanho pêso, própria para atingir alvos longínquos, se não se vai atirar a tal distância?

Nada justificaria conservar-se em uso um **trambôlho** de tão grandes dimensões, quando, com armas mais curtas e, portanto, mais econômicas, mais úteis e mais práticas, se pôde obter o mesmo efeito, para não dizer superior.

E' preciso vencer a rotina e adaptarmo-nos às injunções e aos ensinamentos modernos.

Se as guarnições do f.m. (tanto a esquadra de volteadores como os remuniçadores) não devem atirar a mais de 400 ms.; se o manejo da baioneta está relegado, como o da espada e mesmo o da lança, a segundo plano; se as frentes defensivas, em último caso, não precisam ter uma profundidade batida de fogos, superior a 200 ms. (posição de contra-encosta); se a arma de alma longa, além de pesada, constitue um embaraço ao combatente, tanto na marcha rastejante como quan-

do na trincheira ou no mato, especialmente se montado, não resta a menor dúvida de que deve ser substituído por outra arma, que satisfaça às exigências atuais de seu emprêgo — tiro preciso até 400 ms., cano curto (maior portatibilidade), maior maneabilidade e menor pêso.

A pistola tipo Bergmann, ou Royal, ou Schmeisser, ou Wollmer(*) cujo coldre de madeira, adaptado à sua empunhadura, a transforma num pequeno f.m., é a arma naturalmente indicada para substituir o fuzil ordinário (e o mosquetão) no seu emprêgo como **arma de defesa individual**.

As principais propriedades e vantagens que ela oferece, em comparação com o mosquetão ou o fuzil, são ponderosas e consideráveis:

- 1.º — alcança 1.000 ms. com eficiência, e 400 com tôdas as exigências do combate moderno;
- 2.º — é uma arma automática, que também pode fazer o tiro intermitente;
- 3.º — pode ser acionada com uma só das mãos, permitindo ser empregada, mesmo a cavalo, em tôdas as direções;
- 4.º — mais manejável e leve do que o mosquetão;
- 5.º — muito maior número de tiros, considerado o mesmo pêso e volume da munição transportada (proporção de 3:1);
- 6.º — custo menor da arma e da munição;
- 7.º — seria uma **arma só**, de uso comum, tanto para praças como para oficiais, quer da Infantaria, quer da Cavalaria.

A conhecida e histórica estampa rememoradora do célebre reconhecimento Zepelin, é um atestado eloquente das vantagens da pistola sôbre o mosquetão para o soldado em descoberta — mesmo a cavalo; perseguido, pôde deter seu atacante, atirando para trás, o que não acontece com o combatente armado de mosquetão.

Adaptando-se-lhe a coronha (que é seu próprio estôjo),

(*) . Ou a semiautomática argentina (tipo Bellester-Rigauld).

como já foi dito, tem-se a pistola transformada num pequeno f. m., podendo fazer 200 disparos por minuto, com o alcance eficiente até de 1.000 metros (o f.m. não deve atirar a mais de 1.000).

Se, com o fuzil ordinário, não se deve atirar a mais de 400 metros, para que uma arma grande, pesada, com um cartucho enorme e graduada até 2.000 metros?

Não se diga que o emprêgo da baioneta é que exige a conservação dessa longa haste para o chuço...

Além de que tal emprêgo deixa muito a desejar hodiernamente, — para satisfazer aos mais recalcitrantes seria o caso de adaptar à pistola, com a coronha de f. m., uma baioneta mais longa, tipo Comblaim, que também serviria como facão de mato, e se teria a respeitável arma branca das lendárias cargas de Infantaria. (*)

O fuzil atual (que já podia estar recolhido aos museus) é uma arma de repetição já obsoleta. Dá cinco tiros, intermitentes, com um grande dispêndio de energias do atirador a cada movimento do mecanismo da culatra, ao passo que a pistola pode fazer tanto o tiro intermitente como o contínuo, e êste, com carregadores de 25, 30, até mesmo 50 cartuchos.

Como arma para a defesa individual, dada a morosidade de seu manêjo, deixa muito a desejar.

Quando muito, um atirador de escól poderá dar 20 tiros por minuto, ao passo que, com a pistola, sem grande atividade, dará 200 (8 carregadores de 25 cartuchos cada um).

Três ocorrências, para não insistir na argumentação pessoal, justificam as presentes conjecturas, verificadas em épocas e em lugares distantes, sem a menor intercorrência ou ligação entre si.

a) — Na guerra do Chaco, acentuou-se grandemente a desvantagem das armas de cano longo. Tanto paraguaios como bolivianos, iniciaram a substituição de seu fuzil pela "Piri-pipi" (pistola automática com coronha adaptável). A tendência geral, em todos os exércitos do mundo, inclusive o americano, tem sido para encurtar o cano dos fuzis.

(*) A arma argentina retro invocada atende a estas condições.

A "Revista Militar e Naval" de Dezembro de 35 já o divulgou impressionantemente:

"Foi na grande guerra do Chaco que se usaram pela primeira vez em tão larga escala as pistolas metralhadoras, pistolas estas, como se sabe, de cano longo, podendo dar, automaticamente, até 50 tiros, refrigeração pelo ar. Destas armas o Paraguai não possui senão poucas e uma outra pequena porção tomada ao inimigo. A Bolívia, ao contrário, dotou cada grupo de uma pistola metralhadora e de um fuzil metralhador.

Geralmente, também, os estafetas e oficiais carregavam destas pistolas metralhadoras. O modelo é Bergmann fabricado por Schmeisser e Wollmer, respectivamente. A pistola metralhadora Schmeisser dava menos interrupções; a Wollmer, um tiro mais seguro porque possui um apêio.

A Bolívia usava calibres de 32 tiros somente; o Paraguai, também de 50 tiros. O de 32 tiros é preferível por se manejar melhor e ser mais difícil de amoldar-se.

Depois, este calibre evita o desperdício de cartuchos. A eficácia dessa arma ficou evidenciada e o seu rendimento é muito grande. O fato de estar a todo momento pronta para o fogo e de requerer um só homem para seu serviço, é circunstância de maior relêvo nos combates e nas patrulhas dos bosques.

Em terreno descoberto o tiro eficaz é só aquele a 100 metros, a-pesar da alça máxima ser de 1.000. A eficiência a esta distância reduzida, bastava, entretanto, **"para fazer fracassar qualquer assalto dirigido contra um defensor munido de pistolas metralhadoras"**.

b) — Os japoneses introduziram-na no exército: cada G. C., além do f.m. comum, foi dotado de uma dessas armas.

c) — O Gen. Briard, encarregado da ocupação do litoral ao término da campanha européa atual na França, armou toda a sua Divisão, exclusivamente, com pistolas automáticas.

Perguntar-me-ão: — por que, então, as grandes nações armadas continuam empregando, senão o fuzil (alma lon-

ga), o mosquetão (algo menor, fuzil curto) embora ainda grande ?

A resposta é simples: certamente, porque, possuindo uma grande estocagem dessas armas, necessitam consumi-las primeiro. A substituição se fará aos poucos.

Mas àquelas que iniciam sua vida como potência militar e que, portanto, ainda não possuem grandes reservas de armamento antigo, prático seria adotar outra orientação.

A qual delas tocará a iniciativa da integral transformação ?

Caberá ao Paraguai ou à Bolívia a glória da lição ?

NOTA — Já se achava no prélo este artigo quando fui informado, por um brilhante oficial, que recentemente visitou a Alemanha a convite de seu govêrno, de não ter êle visto sequer um f.o. em mãos das tropas que assistiu desfilar. Tôdas as praças conduziãr armas de cano pouco longo, geralmente automáticas.

“Assim, nas diversas instruções, que são as do graduado, tudo é ação, nada teoria; tudo é reflexo, nada erudição. Se, pois, devem-se escolher os candidatos a graduados baseando a escolha no seu modo de agir, é também só pela ação que se poderá formar graduados nos diversos escalões” —
General BRALLION